

ORO, Ivo Pedro. *O Fenômeno Religioso: Como Entender*. São Paulo: Paulinas, 2013. 189 p.

Jair Souza Leal<sup>1</sup>

## RESENHA

---

O autor é mestre em Ciência da Religião (UFJF), especialista em Educação Popular e em Metodologia Pastoral. É padre atuante, autor de vários livros, e tem dedicado atenção especial às questões socioculturais e religiosas, ao mundo das religiões e ao ecumenismo, fatos que corroboram seu mérito acadêmico e experiência prática na abordagem e análise do tema. A religião no Brasil, segundo o censo do IBGE e contrariando previsões que previam o seu fim, continua viva, cresce em número de adeptos, novas práticas, novas religiões, e vem readaptando-se aos novos tempos. Analisar o fenômeno religioso é tentar compreender a sociedade, os valores, a cultura, afinal, “a dimensão religiosa faz parte do cotidiano das pessoas.” Assim, em quatro capítulos o autor divide sua reflexão e apresenta de modo claro e científico “o que está acontecendo e aparecendo no cenário das religiões: êxodos, migrações, estilos preferidos, novas práticas, grupos e correntes que crescem ou esvaziam, tendências e outros elementos”, fornecendo conteúdo acadêmico para quem tenta entender o fenômeno religioso.

O primeiro capítulo, *Pressupostos e posturas para entender o fenômeno religioso* apresenta o olhar das ciências sociais sobre o fenômeno religioso, que estuda e analisa as relações humanas, as instituições, os comportamentos decorrentes da fé, da pertença, sendo, na perspectiva do autor um estudo limitado por não poder levar em conta o importante elemento do mistério, do espiritual, do subjetivo. Seguindo, ele contrapõe duas atitudes existentes: etnocentrismo e relativismo. O etnocentrismo é a dificuldade de lidar, aceitar e entender o diferente, atitude que em relação à religião deve-se evitar, pois resulta em julgamentos errôneo. Ele sugere como contraponto a relativização, como sendo a atitude que busca entender os valores do diferente a partir da sua visão e cultura. Na sequência dos argumentos, a

---

<sup>1</sup> Doutorando em Ciências da Religião pela PUC/Minas. Email: jairsouzaleal@hotmail.com

partir da perspectiva das ciências sociais, conceitua religião como sendo linguagem, comunicação, visão de mundo. Faz uma distinção entre igreja e seita, desconstruindo o caráter negativo desta última. Avalia o que é o popular na religiosidade, as noções de sagrado e religiosidade. Diferencia fé de religião. Feito as distinções e conceituações necessárias, encerra a unidade avaliando como “as situações sociais e culturais interferem e contribuem na produção religiosa”, como a busca da satisfação pessoal gera um mercado religioso que produz consumidores, com reflexos na política, fato que gera pouca ou nenhuma transformação social e construção de melhores valores.

No segundo capítulo, *Dados e marcas do mundo religioso*, utiliza os dados relacionados às religiões, publicadas pelo IBGE e FGV, para detectar “tendências do atual fenômeno religioso”. Em sua análise, os dados confirmam e surpreendem. Confirma, por exemplo, a queda do número de católicos, e apesar disso, sua posição ainda majoritária, que os evangélicos continuam a crescer, em especial os grupos pentecostais. Surpreende o crescimento dos espíritas e dos sem religião, estes últimos, especialmente entre os jovens. Entretanto, a maioria da população considera a religião importante. A partir dos dados, fornece as marcas que se destacam no panorama geral e “se configuram como as tendências atuais do atual contexto religioso.” Entre elas destaca: o pluralismo e a diversidade, o indiferentismo religioso, a falta de sentido, as religiões como mercado, a provisoriedade de pertença, a forte mobilidade religiosa, o crescimento do individualismo, o crescimento dos sem religião e da oposição à instituição. Na contramão das tendências detecta um crescimento de movimentos fundamentalistas. Encerra a unidade avaliando as espiritualidades, sem igreja e sem religião, a inter-religiosidade, a múltipla pertença, por fim, como elementos religiosos influenciam a política no país laico.

*Religiões populares* é o terceiro capítulo, nele o autor vai considerar os pentecostais, as religiões afro-brasileiras, as religiões indígenas e o catolicismo popular. Dos pentecostais avalia questões históricas, sua evolução, seu culto, suas práticas, como o contexto social explica seu avanço. Distingue três ondas de crescimento e expansão, suas ênfases, questões financeiras e midiáticas. Dos cultos de matriz africana, apresenta o desenvolvimento histórico, faz uma importante distinção entre espiritismo, umbanda e candomblé, distinção esta que perpassa conceitos, práticas, perspectivas, símbolos, ritos. Das religiões indígenas reconhece a impossibilidade de estudo pormenorizado, haja visto as centenas existentes, cada qual com suas particularidades, e resigna-se a indicar suas características comuns. Encerra a unidade avaliando o catolicismo tradicional popular, produzido pelo povo e dirigido por leigos, sua origem histórica, seu centro na devoção aos santos. Constata como o catolicismo romanizado, com seu centro nos sacramentos e na instituição, abafou o catolicismo popular e fez surgir o catolicismo de massa.

*Religiões: caminhos de paz, amor fraterno e defesa do planeta*, é o último capítulo. Nele o autor aborda o ecumenismo, seu significado, as ações ecumênicas concretas existentes. Em seguida avalia que o diálogo é o caminho para construção

da paz e da defesa da vida do planeta, que o pluralismo é inevitável ao mundo globalizado, e defende que conquanto se possa assumir uma religiosidade consciente, esta não deve ser à custa do bem comum da humanidade. O autor encerra sua análise enfatizando sua firme convicção de que “as religiões e as vivências de fé têm um potencial incomensurável para contribuir na construção de outro mundo possível”. Que a religião, antes de qualquer coisa, deve estar a serviço da vida.

O autor acresce ao livro quatro anexos: *A teologia católica das religiões: três perspectivas*, que trata do exclusivismo, inclusivismo e pluralismo; *O católico e o luterano*, um pequeno diálogo; *O Catolicismo popular no Contestado*, citação histórica de uma insurreição e luta de um grupo de caboclos rebeldes na busca de transformação; *Dados do Censo do IBGE de 2010*, a tabela com os dados do censo no quesito religião. O tema é vasto, complexo, porém, fundamental. Serve aqui como introdução e provocação, e carece de outras análises a partir de outros olhares. O autor avalia que a ciência social tem suas limitações quando avalia o fenômeno religioso, especialmente por eliminar seu principal elemento: o subjetivo, do mistério. Porém, sua análise foi quase integralmente sob o viés da ciência social. Ele reserva o último capítulo para indicar rumos sob a “ótica teológico-pastoral cristã”, fato que por si revela que, conquanto seja profundamente respeitoso e defenda a atitude do relativismo, de ver a partir do contexto do outro, ele próprio deixa transparecer seu olhar confessional e não ultrapassa aquilo que chama limitação da ciência social.